

A TARDE — SABADO, 23 DE MARÇO DE 1968

Cinema Universitário vai apresentar filmes escoceses

Uma programação composta por dez curta-metragens, inéditos na Bahia, do escocês Norman MacLaren, será apresentada pelo Departamento Cultural da U.F.Ba. sábado próximo, dia 23, às 20h30m, no salão nobre da Reitoria. Esta será a primeira programação de Cinema Universitário, sendo a entrada franqueada ao público.

APRESENTAÇÃO

As curta-metragens do Festival Norman MacLaren são: "Opening Speech" (1961), "Hen hop" (1944), "Marching blank" (1955), "A chairy tale" (1957), "Black bird" (1958), "Lines horizontal" (1961), "Lines vertical" (1962), "Canon" e "Pen point percussion" (1951). As películas premiadas foram "A chairy tale", prêmio British Film Academy, e nos festivais de Veneza e Edimburgo: "Lines vertical" e "Lines horizontal".

COMENTÁRIO

O crítico Válder da Silveira fez o seguinte comentário sobre o trabalho do cineasta Norman MacLaren: Se o cinema canadense começa a ter dimensão internacional, ele a deve ao trabalho em que se apresenta obra tão personalíssima, que se

sua carreira de cineasta começou com o desenho e pintura. Mas só veio a alcançar pleno florescimento quando ingressou em 1941 no National Film Board of Canadá; aí teve liberdade e meios para criar uma das obras mais singulares da história do Cinema.

Mestre de curta-metragem, o território de Norman MacLaren é o filme de animação. Ora desenha diretamente sobre a película, sem utilização de câmara. Ora se vale de objetos reais ou de atores, transformando-os em seres inanimados que necessitam da câmara para animar-se. Por vezes, são silhuetas. Em outras, trucagens. Sempre uma pesquisa que faz do cinema não uma arte fundada sobre a realidade, porém sobre o imaginário; não uma representação mais ou menos transfigurada do real, porém uma criação de pura fantasia.

Utilizando agulhas e giletes para gravar minúsculas figuras geométricas sobre a película, MacLaren recusa todos os meios tradicionais na realização de seus grafismos. Seu processo criativo também lhe exige uma revolução no campo do som: como nos informa Jean Queval, aqui a pista sonora é uma estreita faixa de traços pretos e brancos inscritos à esquerda da imagem quando da revelação; na projeção, o desenho é reconvertido em corrente elétrica e ela transmutada em música pelo alto falante. Porque MacLaren só raramente usa música. Ela se elabora também sobre a película.

Artista abstrato, não figurativo? Aparentemente, sim. O espectador de cinema, acostumado ao realista e ao onírico (o onírico é uma outra forma do

real), empenha-se por descobrir nas pequenas obras de MacLaren todo um sentido concreto de reinterpretação da vida. Henri Agel recorda que em torno de "Blinkity blank", por exemplo, se travou toda uma polémica para lhe definir o significado, a depender do testemunho vocacional de cada espectador. Amores "é um câs-saro fantástico, profecia pessimista sobre a bomba atômica, antagonismo darwiniano para um biólogo, conflito existencial para um psicanalista".

Desde "Opening speech" se tem a revelação do estilo de MacLaren. Aliás, de uma das faces do seu estilo. O homem escarnecido pela máquina, um orador que não consegue dominar o microfone, este um rebelde que se move sozinho para todas as partes. A trucagem como fonte de humor.

Na mesma linha situa-se "A chairy tale". Pantomima em que uma cadeira também se nega ao dono, representado por Claude Jutra, antigo discípulo de MacLaren, hoje uma figura importante de realizador saído de sua equipe, num testemunho de que a originalidade criativa do mestre da animação, em vez de impossibilitar a formação de cineastas independentes, os fez aparecer, transformando o National Film Board num notável centro de trabalho único no mundo em seu tipo.

Com exceção de "Pen point percussion", os demais filmes são desenhos estabelecidos diretamente sobre a película, como aquele se encarregará ao fim de mostrar. Porque está aqui uma outra prova da singularidade de MacLaren: ele não esconde o que faz, como faz. Pode-se aprender os seus métodos de trabalho, ele os transmite a todos, com humildade — mas igualmente com extraordinário talento.

Vanguardista do cinema, por sua expressão totalmente livre de compromissos estéticos, Norman MacLaren realiza uma revolução dentro da qual tornou-se impossível prever para onde se dirige, qual a nova forma que assumirá. Decerto que sua obra de inventor de movimentos não pode se produzir senão à margem da indústria cinematográfica, do cinema tomado como fato industrial. Seria contudo, desejável que em toda parte aparecessem organismos como o National Film Board of Canadá, capazes de permitir que artistas livres empregassem seu tempo de criação em atividades tão soltas quanto as desse escocês: cujas animações comunicam uma fonte alegre de viver em seus poemas gráficos.